



Jair Moggi e Daniel Burkhard

Como integrar liderança e espiritualidade: a visão espiritual das pessoas e das organizações

Rio de Janeiro:
Elsevier, 2004
147 páginas

Edvaldo Pereira Lima

- Doutor em Ciências da Comunicação / Jornalismo pela ECA-USP
- Docente e pesquisador da ECA-USP
- Integrante do grupo TextoVivo – Narrativas da Vida Real - www.textovivo.com.br
- ed.pl@terra.com.br

Um passo firme, sem alarde ou trombetas mercadológicas, rumo ao único tema que realmente importa

Ao contrário do que uma leitura apressada possa sugerir, o ambiente organizacional é um dos espaços da sociedade contemporânea onde se manifesta atualmente, em promissor volume crescente, a ascensão de paradigmas, os valores e os princípios centrados no propósito profundo de transformação do mundo. As crises múltiplas que assolam o planeta, bem como a complexidade dos desafios que cercam indivíduos, organizações e governantes, todos os dias, exigindo respostas eficazes e inovadoras para os nossos inúmeros problemas, mostram, de um lado, a obsolescência de determinadas práticas e visões de realidade que nos serviram com relativa eficácia durante muito tempo, mas não podem ser empregadas mais sem uma ampla reflexão crítica. De outro, estimulam a busca de soluções em caminhos que até pouco tempo eram tidos como desprezíveis ou simplesmente inadequados.

O ambiente organizacional reflete essa tensão civilizatória em momento dramático de mudança, talvez até mesmo pela necessidade de resposta rápida ao cenário competitivo de nossos dias, um cenário que já se tornou simplesmente globalizado, queiramos ou não. Como efeito sistêmico a esse estado, a Comunicação Organizacional é também pressionada a acompanhar as mudanças em curso, buscando pelo menos travar contato com conhecimentos – por mais aparentemente heterodoxos que sejam – que ganham respeito, até surpreendentemente, nos círculos mais íntimos das organizações.

Um dos temas mais relevantes, nesse contexto, é a espiritualidade. O termo é muitas vezes confundido com o seu parente indireto, religião. Por isso, convém que abordagens focadas no tema definam seu conceito de espiritualidade, para evitar interpretações equivocadas ou simplesmente eliminar a semente de preconceito que ainda antecipa o olhar de muitos leitores, quando vêem o termo proposto em textos temáticos fora do território em que normalmente se esperaria encontrá-lo.

Assim, dizem os autores desse livro inovador, na p. 15, “a espiritualidade é uma questão que acompanha a evolução do ser humano desde o seu início e, nos dias turbulentos que estamos vivendo, esse tema precisa se tornar cada vez mais explícito, consciente e independente de dogmatismos para que se possa, a partir de um ‘livre pensar’, criar condições de despertar e desenvolver pessoas, grupos e organizações capazes de fazer frente ao *espírito de nosso tempo*”. Remete a uma busca de compreensão integrada, orgânica da realidade, abarcadora tanto dos níveis concretos e factuais quanto dos aspectos sutis, invisíveis, que a compõem.

Os autores focalizam o tema no âmbito específico da liderança. Trazem para a empreitada longa experiência no mundo organizacional, principalmente na condição de consultores. Jair Moggi, economista, Mestre em Administração de Empresas pela USP, diretor da Adigo Consultores, em São Paulo, reúne mais de três décadas de atuação profissional, sendo também professor de cursos de MBA em Recursos Humanos da FEA-USP. Suíço naturalizado brasileiro, Daniel Burkhard foi gerente de projetos de empresas brasileiras e alemãs, além de consultor de desenvolvimento organizacional em diversas companhias. Em paralelo à trajetória profissional, ambos seguem, no plano pessoal, suas respectivas jornadas espirituais, particularmente inspirados na antroposofia de Rudolf Steiner. E é dessa mesma fonte que trazem alimento para a integração entre liderança e espiritualidade nas organizações.

O livro demonstra evitar uma abordagem excessivamente teórica, abstrata ou filosófica, preferindo uma linha bem fundamentada, mas de contorno prático. É até mesmo didático, apresentando uma série de exercícios que o leitor pode colocar em prática, testando a validade das propostas dos autores. O propósito essencial, sempre, é o desenvolvimento de pessoas com potencial de liderança, no seio das organizações. Para tanto, a analogia que estabelece entre as organizações e os seres humanos é clara. Para os autores, as organizações são seres vivos. Mas o cerne de tudo, para compreendê-las, é mesmo o ser humano, situado num quadro dinâmico de evolução que inclui todo o universo.

No furor de mudanças de nossos dias, somos impulsionados a descobrir que, apesar de termos um corpo, um intelecto, a mente e emoções, em última instância não somos isso. Somos, sim, enfatizam os autores, “[...] a consciência, o espírito, a individualidade ou o Eu”, conforme colocam na p. 17. E prosseguem, afirmando que o Eu, portanto, é “[...] uma entidade integrada com os reinos mineral, vegetal, animal e com o próprio cosmos”, assim como é “[...] co-criador e transformador da realidade e das instituições sociais, incluindo-se aí as empresas.”

O livro reserva os três capítulos iniciais para uma navegação introdutória e de contexto ao tema, situando-o no fremito agitado das inquietações existenciais de nosso dia, bem como na dinâmica evolutiva da consciência humana ao longo dos tempos. Nos capítulos seguintes, alterna o desdobramento do tema entre perspectivas centradas no indivíduo – como “O conteúdo da alma humana ao longo da evolução”, capítulo nove –, nas organizações – “Visão espiritual ampliada das organizações”, capítulo sete – e na junção entre ambos, como em “A liderança espiritualizada”, capítulo onze.

Cada capítulo termina com uma proposta de reflexão, redirecionando o leitor ao encontro de si mesmo, no contexto das questões apresentadas. Paulatinamente, isso caminha para etapas mais sofisticadas, onde entram exercícios voltados ao autodesenvolvimento espiritual, passando pela conquista de domínio sobre os pensamentos e a vontade, por exemplo. Os efeitos potenciais de cada prática são apontados, assim

como as promessas – e os perigos – da mais avançada de todas elas, a meditação. Quer se chegar ao grau de consciência denominado inspirativo e, se possível, ao grau mais avançado da consciência intuitiva.

A leitura do livro justifica-se para o profissional de Comunicação Organizacional por todos os motivos implícitos nesta resenha e por uma constatação apresentada logo à p. 18:

[...] a verdadeira essência de um negócio não está nas máquinas, nos softwares e hardwares, nos equipamentos, no capital acumulado, mas está naquilo que é imaterial ou de natureza espiritual. Está naqueles aspectos que não podem ser controlados ou apropriados pelos donos do capital, porque são propriedades da essência das pessoas, como idéias, valores, símbolos, conhecimento e informações que circulam entre pessoas e grupos, aquilo que não é controlável nem nunca será, aquele corpo sutil da empresa que é sua identidade e espírito.

Pergunto-me se não é esse exatamente o território de navegação do comunicador organizacional em sua ação profissional, tecendo pontes de conexão entre os aspectos tangíveis e aqueles mais fugidios, mas tão relevantes, da realidade integrada das organizações. Pergunto-me se não é sua missão proativa hoje em dia, mais do que nunca, contribuir para a transformação efetiva do mundo, colocando suas habilidades e sua sensibilidade humana a serviço do ato mais esplêndido que a comunicação pode realizar: a descoberta de que somos – cada indivíduo e a multidão irmã da espécie humana – antes de tudo seres espirituais, mas cuja consciência desse potencial maravilhoso está esmaecida pela triste prisão existencial em que nos metemos, tendo como verdugos trágicos o medo e o egoísmo. Cabe a reação urgente e corajosa do despertar da fé, da bondade, da beleza, da cooperação e da consciência amorosa integrativa. Essa missão exige que cada comunicador assuma sua responsabilidade de líder, quando atua no ambiente organizacional, como o profissional mais potencialmente destinado à enorme tarefa de integração e síntese de conhecimentos transformadores. E isso, que fique bem claro, só pode ser realizado plenamente quando o indivíduo aceita, com humildade, descer ao seu próprio porão de incertezas, buscando lá dentro e para além dele, quando encontra o coração imaculado sutil do seu ser, o poder que lhe abre novas perspectivas de atuação no mundo como aliado da grande consciência evolutiva que tudo move e tudo impulsiona rumo à paz e à sabedoria. Deus. Não há por que temer dizer o nome. Se realizamos isso, suspeito, podemos encontrar o sentido mais nobre de termos sido agraciados com a porção de talento que nos torna comunicadores profissionais nesta era e nesta encruzilhada histórica em que a humanidade deve decidir se opta pela ascensão da consciência ou pelo deslize involutivo para níveis ameaçadores da nossa própria sobrevivência como espécie.